



Raízes do Corpo - um olhar para a segurança alimentar e um cortejo com mulheres atingidas pelo sistema punitivo - criminal e de justiça
Roots of the Body - a look at the food security and a cortege with women affected by the punitive - criminal and justice – system

MARACAJÁ, Paula Isnard¹; GORINI, Paula²; BOECHAT, Mhyrna³; CHIESORIN, Andrea Nunes⁴;

¹Coletivo Em Silêncio, paulamaracaja@gmail.com; ²Coletivo Em Silêncio, paulagorini@gmail.com;

³Coletivo Em Silêncio, mhyrnaboecat@gmail.com, ⁴Coletivo Em Silêncio, andreachiesorin@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: Um breve relato de uma trajetória com ações experimentais que norteiam o conceito de **"raízes do corpo"**. Este conceito nasceu da composição de 2 oficinas iniciais para uma emenda parlamentar construída em 2016 e aprovada por unanimidade, porém, nunca consentida pelo então prefeito Marcelo Crivella. A proposta reunia oficinas no Patronato Magarinos Torres, em Benfica, para mulheres egressas, para o aprendizado de tranças e cafunés com Marilene Gonçalves, artista do Consciência Dreads e da bióloga e artista Luna Pesce, criadora do projeto Arolê, de alimentação saudável. Mas o Raízes do Corpo só veio de fato a acontecer em 2019, com oficinas de adereços para o carnaval, standartes de luta e almoços coletivos saudáveis em um sobrado na Lapa.

Palavras-Chave: arte; mulher; alimentação; sistema prisional.

Contexto

É importante sempre nos apresentarmos: o Coletivo Em Silêncio surgiu a partir de oficinas de dança com 40 mulheres internas na unidade prisional feminina Talavera Bruce em Bangu, Complexo de Gericinó, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em 2011, acompanhadas àquela ocasião por somente duas de nossas artistas, Paula Gorini e Paula Maracajá. Desde 2015, junto a outras companheiras que se somaram, vem buscando espaços em festivais de arte e cultura e em centros culturais para incluir à sociedade a possibilidade de conviver e repercutir sobre a pauta do desencarceramento pelo viés da poética do corpo. Desde então, somos um coletivo de mulheres, pesquisadoras, artistas, psicólogas, comunicadoras e produtoras culturais, convidantes a pensarmos juntas, entre nós, e com mulheres atingidas pelo sistema punitivo, sobre pedagogias formativas e expressivas de acolhimento e empoderamento feminino. E, indisciplinadamente, ocupamos todes, os espaços artísticos privilegiados na cidade do Rio de Janeiro.

Uma das trajetórias assumidas pelo coletivo se deu, como será demonstrado, pelo desenvolvimento de uma linha de atuação voltada para novas ecologias sociais, incluindo a pauta do corpo, da cidade e do feminino como parte de sistemas transversais, naquilo que reconhecemos como ecologia, o Raízes do Corpo. É nesse viés que o relato de experiência é apresentado, com objetivo de contribuir sobre o debate de arte e cultura em sistemas urbanos de Agroecologia. O programa



Raízes do Corpo defende criar espaços férteis para a cultura de direitos, manifestações livres de singularidades e tecnologias sociais relacionadas à cura e incentivo à desmedicalização, descriminalização de práticas afro-ameríndias.

Descrição da Experiência

De 2015 até 2023 foi uma longa trajetória de aprendizado junto às centenas de mulheres atingidas que se aproximaram de nós, sobre a complexidade que o sistema prisional ou o sistema punitivo imprime nas pessoas que um dia "tiveram passagem pelo sistema", e até mesmo em seus familiares que sentem na pele o estigma, e inevitavelmente estão condicionados aos maus tratos quando visitam seus parentes. Só quem um dia precisou pegar senhas madrugada adentro sabe o que significa ter um parente ou pessoa de cunho afetivo presa no sistema carcerário brasileiro. Ademais, estamos falando de um lugar privilegiado como pesquisadoras e ativistas - e longe da curva que encontramos na seletividade penal, com tratamentos diferenciados, advogados particulares e sentenças menos injustas.

Em 2015, produzimos uma performance, "Poros"¹, no Festival Panorama, festival internacional de dança, no Parque Lage, com a participação de 15 mulheres da Unidade Oscar Stevenson, que se encontravam em regime aberto ou semi-aberto, através da SEAP, Secretaria de Administração Penitenciária do Estado. Em 2017, organizamos e inauguramos uma pauta na Câmara Municipal/RJ, com a 1ª audiência pública que tratou do tema "Sobre Mulheres e Liberdade: a população feminina jovem no cárcere"². A plenária foi convocada pela Comissão Especial da Juventude da Câmara dos Vereadores, presidida pelo atual deputado federal Reimont Otoni e pela ex-vereadora Marielle Franco, assassinada em 2014 - que tinha absoluto domínio do tema, uma vez que participou da Comissão de Direitos Humanos na ALERJ. A audiência fez soar os tambores pela primeira vez no Salão Nobre daquela Câmara. Ainda neste ato, inauguramos a chamada pública para que as mulheres atingidas soltassem suas vozes nos depoimentos públicos.

Em 2018, fomos convidadas mais uma vez pelo Festival Panorama para desenvolver uma residência artística de 3 meses de duração, que culminou em uma performance em formato de oficina-instalação de bordados, "Por Um Fio"³. Dessa vez, tínhamos o intuito de verdadeiramente nos sentirmos mais próximas e de realizarmos um trabalho também silencioso. Silêncio este quebrado por eventuais conversas em torno de uma grande mesa durante o processo de bordar, trabalho secular que é reconhecidamente terapêutico: o gesto feminino-ancestral do bordado. "Por Um Fio" tornou-se uma metodologia sensível de encontro e

¹Disponível em [\[https://revistamarieclaire.globo.com/Lifestyle/noticia/2015/10/detentas-se-apresentam-pela-primeira-vez-em-publico-em-festival-de-danca-no-rio.html\]](https://revistamarieclaire.globo.com/Lifestyle/noticia/2015/10/detentas-se-apresentam-pela-primeira-vez-em-publico-em-festival-de-danca-no-rio.html) Acesso em 20 de ago. 2023.

²Disponível em [\[https://www.coletivoemsilencio.com.br/2017/04/15/mulhereseliberdade/\]](https://www.coletivoemsilencio.com.br/2017/04/15/mulhereseliberdade/) Acesso em 20 de ago. 2023.

³Disponível em [\[https://www.youtube.com/watch?v=wZS78nGjbmw&t=65s\]](https://www.youtube.com/watch?v=wZS78nGjbmw&t=65s) Acesso em 20 de ago. 2023.



aproximação que segue até hoje contaminando territórios urbanos, rurais, com essas e outras corpos.

Estávamos às vésperas do carnaval e nos envolvemos afetivamente com o espaço que ocupávamos no escritório do Festival Panorama, um sobrado na Lapa. O sobrado estava também às vésperas de ser entregue, pois a crise no campo da cultura estava se acentuando nesse período e o festival, depois de muitos anos lá instalado, já não tinha recursos para ali se manter. Juntamos forças para realizarmos uma ação de celebração do corpo, com atenção voltada para o cuidado e a im-permanência, o Raízes do Corpo. Começamos com 3 encontros semanais, mas logo ultrapassamos para encontros também nos finais de semana, pois havia mulheres que só podiam estar presentes nos finais de semana. Foi aí que vimos que seria extremamente importante aproveitar a fartura que havia na feira da Glória, no bairro vizinho a nós, que acontecia aos domingos. Assim, ao invés de nos restringirmos aos fazimentos artesanais que nos propomos à época, nos identificamos com a vontade de consumir alimentos frescos e nos proporcionar almoços aos domingos. Tivemos encontros regulares durante os meses de janeiro e fevereiro, com almoços sugeridos pela artista Laís Castro e pelo fotógrafo Leonardo Lopes, que traziam alimento fresco da feira. Assim estava descrito na chamada pública feita na rede social do Facebook:

Nosso sobrado na Lapa será ocupado nos meses de janeiro e fevereiro para convivência e criação do enredo, do samba para o bloco “Nem Presa Nem Morta”. Convidamos todas e todos que acreditam nas lutas antiproibicionistas e querem incorporar suas paixões políticas em poéticas de carnaval. Nos encontraremos para produzir CORPOS enlaçados às sororidades, em vozes, em mudanças, lançando modas, aportando lutas em estandartes, bandeirolas e adereços lúdicos, festejamos a vida apesar das dores.

A roupa sai, saiu e sairá do corpo que quer, seres queer-cripp, que desejam e que se expressam no carnaval como um ato libertário e ético e antifobismo. Do prazer em descer à rua, sentir a pulsação multitudinária, cruzar a diversidade de vozes e corpos, sexualidades, tipos, típicos, atípicos e também não-humanos. Queremos ganhar o mundo desejando. O momento é de guerrear pelo sagrado e vencer na defesa e celebração das culturas afroameríndias.

NEM PRESA NEM MORTA. (Facebook, Coletivo em Silêncio, 22/02/2019)⁴

Rolou o carnaval... e nos lançamos no estandarte⁵ bordado durante o Por Um Fio, que nomeou o bloco: NEM PRESA NEM MORTA⁶, ali no Largo da Rua da Lapa, entre as Ruas Taylor e Joaquim Silva, na Glória. Os demais estandartes de luta eram feitos com bambus, folhas secas e cipós, recolhidos coletivamente na Praça Paris, na Glória, e no Parque Estadual da Chacrinha, em Copacabana. Em meio a trajes e rendas femininas, cada um dos 14 bambus trazia uma letra formando a

⁴ Disponível em: [<https://www.facebook.com/events/2233825593336439>] Acesso em: 20 de ago. 2023.

⁵ Disponível em [https://www.instagram.com/p/BuQ6ZC9Fxej/?img_index=1] Acesso em 20 ago. 2023.

⁶ Disponível em: [<https://www.facebook.com/events/2233825593336439>] Acesso em: 20 ago. 2023.



frase: "Somos a Natureza". Eram 14 letras carregadas durante o cortejo, que deu uma volta na Glória, pelas ruas transversais à Rua da Lapa, passando pela praça Paris e finalizando a celebração no Beco do Rato. Além dos estandartes, construídos e facilitados pela artista Yasmim Assade, as participantes carregavam uma linda cabeça adereçada, produzidas pelo artesão Rui Cortez. Erámos 40 participantes em média, além de músicos de dois blocos de carnaval que se uniram ao nosso cortejo, Me Enterra na Quarta e Planta na Mente. Também distribuimos kits de redução de danos da RENFA - Rede Nacional de Feministas **Antiproibicionistas**, nossa parceira junto à Frente Estadual pelo Desencarceramento. Abaixo, imagem do cortejo:



Figura 1. SOMOS A NATUREZA

Ali encerramos uma grande jornada que durou 3 meses, de oficinas regulares com jornal, papelão, cola, miçangas, folhagens e muita roupa reciclada. Em 2019, infelizmente, o Festival Panorama entregou o sobrado, mas fomos acolhidas pela Fundação Progresso que viu em nossa pauta uma possibilidade de diálogo com um projeto social ativo semanalmente. Durante um ano estivemos no porão de uma sala da Fundação, com nossa mesa de acolhimentos, fios e retalhos, nossos bordados e oficinas de desenhos livres, e demos início ao acolhimento psicológico e jurídico. No final de 2019, início de 2020, conseguimos uma troca de espaço de trabalho e passamos a ocupar o Canto das Flores, onde mantivemos nossos encontros semanais entre plantas e algumas ervas, até o início da Pandemia, quando todes fomos forçadas a parar.

Resultados

Em 2020, exatamente 1 ano depois de chegarmos à Fundação Progresso, no dia 7 de março, véspera do 8M, e dias antes da pandemia começar, aceitamos o convite da organização do Mercado Fundação Sustentável. Ricardo Antônio, biólogo formado, um dos maiores incentivadores de nossas atividades, sempre manifestava



o desejo de nossa presença, a roda de bordados na feira. Realizamos Raízes do Corpo⁷: trocas de saberes e diálogos sobre medicinas milenares, descriminalização de práticas afro-ameríndias, redução de danos, desmedicalização e autonomia da mulher na diáspora. A partir de uma articulação de Pollyane Honorato, junto ao Ilê Asè Egi Omim, tivemos como convidado especial o Mestre Daniel Galdino, integrante da Irmandade de Nossa Senhora do Congado Jatobá de BH/MG, que participou da roda de conversa “Desmedicalização e Autonomia da Mulher”. Na imagem abaixo, a roda de conversa realizada durante o evento.



Figura 2. Raízes do Corpo, roda de conversa, 2020.

Para esta celebração, convidamos também a Juíza Cristiana Cordeiro, titular da Vara Criminal de Mesquita/AJD; a Mestre em Saúde/Fiocruz, Isabela Soares Santos, que pesquisa Política de drogas na América Latina; Keronlay Machado Simas, de Terapia Ocupacional e Redução de Danos/UFRJ; e Taynara Guedes, das Tranças e Estética Negra Afro Ayê. Além das convidadas, Mhyrna Boechat mais uma vez nos trouxe seus anos de experiências junto aos adolescentes do DEGASE, e tivemos também a oficina-instalação Por Um Fio: bordados, ancestralidades e feminismos.

Após esse evento, tivemos um último encontro no Canto das Flores e começou a pandemia. Felizmente, nosso projeto havia feito uma arrecadação com parceiros que nos fomentou um recurso que achamos indispensável dirigir às companheiras que estávamos semanalmente encontrando na Fundação Progresso. Raízes do Corpo voltou com força total arrecadando recursos para a compra de cestas de alimentos frescos e ovos para o grupo de mulheres socialmente vulnerabilizadas que fazem parte de nossa rede. Em abril de 2020, seguimos com a entrega mensal de cestas, com legumes, verduras e frutas cultivados por produtores de agricultura familiar agroecológica de Petrópolis e Teresópolis, beneficiando mulheres e familiares atingidos pelo sistema prisional. Conseguimos atualizar o Raízes do Corpo, como espaço de reconhecimento da alimentação que cura a partir de

⁷ Disponível em [<https://www.instagram.com/p/CNsil4Apyx3/>] Acesso em 20 de ago. 2023.



culturas e ciências afro panorâmicas. Desde 2016, a subsistência esteve em nossas premissas junto ao acolhimento de mulheres, porém a urgência foi determinada pela situação gerada com a pandemia do Covid-19.

A alimentação adequada é um direito fundamental do ser humano, como está descrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art.25) e no Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais - PIDESC (Art.11): é direito reconhecido como "da dignidade inerente à pessoa". Também é indispensável à realização dos direitos sociais previstos na Constituição Federal (Art.6). O direito fundamental à alimentação adequada é reafirmado no Brasil em 15 de setembro de 2006 com a Lei 11346, Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, que objetiva assegurar tal direito em âmbito federal, estadual e municipal por meio de promoção da saúde, atenção às pessoas em vulnerabilidade social e conservação da biodiversidade, por exemplo.

O Coletivo em Silêncio, ao distribuir cestas com alimentos de produção agroecológica, contribuiu com a com a segurança alimentar e a formação de mulheres no aprendizado a partir de suas farmácias caseiras. Um ciclo de sustentabilidade, bem como um compromisso com a produção de famílias que vivem da agricultura, e que enfatiza o respeito à dignidade para mulheres em vulnerabilidade social, suprimindo um direito que o Estado não cumpre. Por dois meses conseguimos ofertar às nossas companheiras uma cesta semanal que deu um pouco de dignidade e companhia. A cesta do programa Raízes do Corpo continha: 1 dúzia de ovos, 1kg de cebola, 1 pote de alho, 1kg de batatas, 1kg de inhame, 1kg de cenoura, ½ kg de tomate, 1kg de chuchu, ½ kg de abobrinha, ½ kg de beterraba, ½ dúzia de laranja lima, 1 dúzia de banana prata, 1 saco de limão, 1 mamão formosa, 6 maçãs, 1 alface lisa, 1 espinafre, 2 cheiros verdes.

Desde 2018, foram 4 anos de fome cultural, 2 anos de pandemia, de fome real. Mas são muitos séculos de punitivismo que cerceiam as mulheres e as culturas afro-pindoramas. Para lidar com, e entre a fome de nossas companheiras, é preciso não negociarmos nunca mais com a lógica do cárcere e nos atrairmos cada dia mais conscientes às perspectivas abolicionistas. É preciso pôr um fim à privatização da vida e à necropolítica que ainda estamos submetidos. Falemos não apenas sobre a ausência e a insalubridade que é o alimento nos presídios, mas também o alimento que não chega, mesmo em liberdade, para quem teve a tal "passagem" por aquela indústria carcerária.

Coletivo em Silêncio, 2023.

Referências bibliográficas

FELDENHEIMER, Ana Carolina; et al. Covid-19 orientações sobre alimentação adequada e saudável. Rio de Janeiro, 2020.